

A hipocorização como processo não concatenativo de formação de palavras em português: a interface morfologia-fonologia em destaque

Hypocorization as a non-concatenative process of word formation in Portuguese: the morphology-phonology interface

Bruno Cavalcanti Lima*

RESUMO: Neste artigo, analiso o padrão de hipocorização de antropônimos compostos, que ocorre, por exemplo, em ‘Malu’ (‘Maria Luíza’). A análise se baseia na Teoria da Correspondência (McCarthy & Prince, 1995), que segue os princípios da Otimalidade Clássica, estabelecidos em Prince & Smolensky (1993), sendo, por isso, igualmente otimalista e paralelista (Gonçalves, 2004). O hipocorístico deve constituir palavra mínima na língua e, por isso, não pode apresentar mais de um pé binário. Assim, um dos objetivos do trabalho é comprovar que as restrições de tamanho, no fenômeno da hipocorização, são as mais altas na hierarquia, superando as de marcação e de fidelidade. Como *corpus*, utilizo dados coletados em testes e dados que compõem o dicionário de hipocorísticos de Monteiro (1999). Para constatar a presença de padrões mais gerais, foram aplicados testes de aceitabilidade de formas. Para cada forma proposta nos testes, verifiquei qual delas sobressaía em relação às outras. Essa forma destacada seria, portanto, o *output* ótimo.

PALAVRAS-CHAVE: Hipocorização. Morfologia. Fonologia. Teoria da Otimalidade.

ABSTRACT: In this paper, I analyze the pattern of hypocorization of compound anthroponyms, which occurs, for instance, in ‘Malu’ (‘Maria Luíza’). The analysis is based on Correspondence Theory (McCarthy & Prince, 1995), which follows the Classical Optimality principles, established in Prince & Smolensky (1993), being, this way, equally optimalist and paralelist (Gonçalves, 2004). The hypocoristic should coin the shortest word possible in a given language and, thus, should not have more than one foot with two syllables. So, one of the aims of this work is to prove that constraints of size, in the phenomenon of hypocorization, are higher in the hierarchy, overtopping those of markedness and faithfulness. As a *corpus*, I use data which have been collected in tests and data which are found in the dictionary of hypocoristics by Monteiro (1999). In order to establish positive evidence of more general patterns, tests of acceptability of forms have been run. For each form proposed in the tests, I have checked which one stood out in relation to others. That form would be, therefore, the optimum output.

KEYWORDS: Hypocorization. Morphology. Phonology. Optimality Theory.

1. Introdução

Segundo Gonçalves (2004b), o português utiliza processos não concatenativos a fim de expressar carga emocional variada ou ampliar seu vocabulário, ainda que seja uma língua de morfologia predominantemente aglutinativa. Esses processos não concatenativos, chamados

* Professor do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ).

processos marginais de formação de palavras, são analisados pelo autor por meio de abordagens não lineares, como a Morfologia Prosódica (McCARTHY, 1986; McCARTHY; PRINCE, 1990) e a Teoria da Correspondência (McCARTHY; PRINCE, 1995), uma extensão da Teoria da Otimalidade aplicada à morfologia (BENUA, 1995).

Não há dúvida de que o português seja uma língua de morfologia predominantemente aglutinativa. Exemplos como *barb-eiro* (sufixação), *des-leal* (prefixação), *bar-es* (flexão), *couve-flor* (composição) e *en-alt-ecer* (circunfixação) são gerados por meio da concatenação de radicais ou de afixos, de maneira que se pode notar a isolabilidade de morfemas.

Existem processos, todavia, que mostram que o português também emprega categorias morfológicas para gerar um novo vocábulo. Esses processos, conforme Gonçalves (2004b), são: a reduplicação (*bate-bate*, brinquedo de parque de diversão), o truncamento (*boteco*, para ‘botequim’), o cruzamento vocabular (*macarronese*, junção das bases *macarrão* e *maionese*), a siglagem (*SBT*, para ‘Sistema Brasileiro de Televisão’) e a hipocorização (*Náti*, para ‘Natália’).

O objetivo do presente artigo é a análise do processo chamado hipocorização, a partir da análise de um dos cinco padrões existentes. Segundo Gonçalves (2004a), esse processo morfológico não aglutinativo corresponde à redução afetiva de antropônimos, gerando uma forma diminuta que mantém identidade com o prenome original. Gonçalves (2005) afirma que há quatro padrões de hipocorização: 1) o sistema *default* (Francisco > Chico); 2) o padrão que rastreia a margem esquerda da palavra (Eduardo > Edu); 3) o modelo que reduplica a margem direita da palavra (André > Dedé); 4) o padrão que reduplica os segmentos à esquerda da palavra (Viviane > Vivi). Além desses padrões evidenciados por Gonçalves (2005), há, ainda, um quinto padrão, que se refere aos antropônimos compostos (Maria Luíza > Malu). Neste artigo, focalizar-se-á o padrão de formação de hipocorísticos a partir de nomes compostos. A análise baseia-se na Teoria da Correspondência (McCARTHY; PRINCE, 1995), já que esta oferece meios mais eficazes para o estudo da chamada Morfologia Não Concatenativa e segue os princípios da Otimalidade Clássica, estabelecidos em Prince e Smolensky (1993), sendo, dessa forma, igualmente otimalista e paralelista.

Com relação ao processo de hipocorização de antropônimos compostos, sabe-se que se trata da junção de duas bases que se encurtam e que se combinam. Ademais, não é um fenômeno variável, apresentando, portanto, um único *output* ótimo. Sendo assim, o antropônimo ‘Maria Júlia’, por exemplo, admite como hipocorístico apenas a forma ‘Maju’.

A fim de dar conta do padrão em análise, as restrições de tamanho devem ocupar o topo da hierarquia, seguidas pelas de acento, de marcação e, por fim, de fidelidade. Uma vez que o hipocorístico deve constituir palavra mínima na língua e, portanto, não pode apresentar mais de um pé binário (GONÇALVES, 2004a), as restrições de tamanho devem ser as mais bem cotadas da hierarquia, já que estas são responsáveis pela redução de antropônimos. Para haver encurtamento, alguma perda segmental deve ocorrer, fato que evidencia que as restrições de fidelidade devem estar minimamente ranqueadas e que estruturas plenamente fiéis ao *input* nunca poderão ser consideradas hipocorísticas.

O artigo está estruturado da seguinte maneira: na próxima seção, apresentam-se o conceito de hipocorização e alguns exemplos relacionados aos cinco padrões mencionados acima. A seguir, na terceira seção, apresentam-se as bases teóricas e metodológicas para o estudo da hipocorização, ou seja, abordam-se a Teoria da Otimalidade e seus mecanismos, enfatizando a Teoria da Correspondência, sua versão mais recente; ainda nessa seção, detalha-se a metodologia empregada na execução da pesquisa. Finalmente, na quarta seção, parte-se para a análise otimalista do padrão em estudo, e, na última, explicitam-se as principais conclusões do trabalho.

2. A hipocorização

Monteiro (1983, p. 83) conceitua hipocorístico como o “processo apelativo usado na linguagem familiar para traduzir carinho ou qualquer palavra criada por afetividade, incluindo-se aí certos diminutivos (filhinho, benzinho, maninha) e palavras oriundas da linguagem infantil (papai, titia, teteia, dodói etc.)”. A definição, como se nota, é bastante ampla, o que fez com que o autor, no mesmo texto, delimitasse o conceito. Assim, nas palavras de Monteiro, “em sentido estrito, o hipocorístico deve designar uma alteração do prenome ou nome próprio individual”. Conforme o autor (1983, p. 83), então, a definição de hipocorístico restringe-se ao termo afetivo formado de um prenome ou sobrenome.

Neste trabalho, assume-se a definição de hipocorístico postulada por Gonçalves (2004a, p. 08). Segundo o autor, hipocorização é o “processo morfológico pelo qual antropônimos são encurtados afetivamente, resultando numa forma diminuta que mantém identidade com o prenome ou com o sobrenome original”. Dessa maneira, ‘Lári’ é um hipocorístico por se tratar de uma forma reduzida afetivamente que mantém identidade com o prenome original (‘Larissa’). Esse conceito leva o leitor a estabelecer uma distinção básica entre apelido e

hipocorístico. Este, nessa ótica, precisa manter identidade com o prenome; aquele, contudo, não. O vocábulo ‘baixinho’, por exemplo, pode ser considerado apelido de algum indivíduo, entretanto não se trata de um hipocorístico, por não manter identidade com antropônimo algum. Sendo assim, chega-se à conclusão de que todo hipocorístico é um apelido, mas nem todo apelido é um hipocorístico.

Expostas as definições de Monteiro (1983) e de Gonçalves (2004a), nota-se que, em princípio, são semelhantes. Deve-se ressaltar, porém, que Gonçalves (2004a), ao assumir que o pé básico do português é o troqueu moraico, defende que os hipocorísticos podem ser considerados as menores formas derivadas da língua. Dessa maneira, condições de palavra mínima devem ser impostas a esse processo, que bloqueia qualquer formação maior que duas sílabas e que não contenha pelo menos um pé, como se observa nos dados abaixo, em (01):

- (01)
 Penélope > *Nélope
 Rosângela > *Zângela
 Barnabé > *Bé
 Salomé > *Mé

Monteiro (1983), como se verificou, não faz qualquer referência a condições de minimalidade, fato que permite que sua análise aceite as formas ‘Angelito’ e ‘Gelito’ como hipocorísticas de ‘Ângelo’, por exemplo. No presente trabalho, formas derivadas por meio de afixos não serão contempladas, o que faz com que estruturas como ‘Luizito’, ‘Luluzinha’ e ‘Leandrinho’ não sejam aceitas como hipocorísticas, a despeito de haver identidade com o prenome original. É necessário levar em conta que tais formas são polissílabas e que, por isso, infringem a condição primeira de minimalidade, a qual bloqueia estruturas maiores que duas sílabas.

Convém salientar que a hipocorização, neste estudo, corresponde ao que Benua (1995) denomina truncamento. Já que, em português, existem diferentes processos não concatenativos de encurtamento, Gonçalves (2002a) estabelece essa distinção, reservando o termo hipocorização para o encurtamento de antropônimos (hipocorísticos) e truncamento para a formação de outros nomes reduzidos (‘delega’ para ‘delegado’ e ‘portuga’ para ‘português’).

A hipocorização, para alguns autores, é concebida como processo “idiosincrático”, “imprevisível”, “assistemático” e “esdrúxulo” (CUNHA, 1975; MONTEIRO, 1987; ZANOTTO, 1989), operando com supressão de uma sequência fônica do antropônimo.

Conforme Gonçalves (2004, p. 08), no entanto, “o processo se mostra altamente regular quando se levam em conta primitivos prosódicos e aspectos da interface Morfologia-Fonologia”.

Como já se abordou na Introdução, há cinco padrões de hipocorização no português brasileiro, especificamente na variante carioca. O quadro a seguir, em (02), exemplifica os distintos sistemas de hipocorização¹:

(02)

Sistema 1	Sistema 2	Sistema 3	Sistema 4	Sistema 5
Francisco > Chico Gertrudes > Tude Isabel > Bel Leopoldo > Poldo Miguel > Guel	Eduardo > Edu Rafael > Rafa Patrícia > Páti Natália > Náti Cristina > Cris	André > Dedé Barnabé > Bebé Mateus > Teteu Artur > Tutu Marli > Lili	Carlos > Caca Leandro > Lelé Fátima > Fafá Eduardo > Dudu Viviane > Vivi	Carlos Eduardo > Cadu Maria Luíza > Malu Maria Isabel > Mabel Carlos André > Cadé Luiz Carlos > Luca

Analisado por Gonçalves (2005), o sistema 1 é o mais produtivo e deve ser considerado padrão geral para a formação de hipocorísticos em português (padrão *default*). A principal característica das formas reduzidas por meio da hipocorização do sistema 1 é a manutenção do acento lexical das palavras. Os sistemas 2 e 4 caracterizam-se pelo rastreamento dos segmentos localizados à margem esquerda da palavra, sendo que, no quarto padrão, ocorre, conjuntamente, o fenômeno da reduplicação. O processo 3 é caracterizado pela reduplicação que ocorre na margem direita da palavra, mais especificamente da sílaba proeminente. O sistema 5, finalmente, consiste na hipocorização de nomes compostos, ou seja, na junção de duas bases que se combinam e se encurtam.

É importante ressaltar que cada padrão comporta-se de uma maneira distinta e, por conseguinte, as análises também são distintas. O antropônimo ‘Eduardo’, por exemplo, funciona como base para a criação de pelo menos quatro hipocorísticos: Dado, Edu, Du e Dudu. O primeiro hipocorístico é selecionado como forma ótima por meio do padrão *default*, a segunda forma vem à tona por meio de uma análise do segundo sistema, e o terceiro e o quarto hipocorísticos emergem por meio do quarto padrão, que tende a exibir alternância entre formas simples e formas reduplicadas (THAMI DA SILVA, 2008). Como se verifica, para cada sistema

¹ Quadro retirado de Lima (2008, p. 19).

de hipocorização, existe um *ranking* de restrições diferente, numa análise via Teoria da Otimidade.

A análise do processo da hipocorização é importante porque evidencia alguns pontos da fonologia do português. Um desses pontos relaciona-se à tese de que o pé básico do português é o troqueu moraico, visto que, conforme já se abordou, condições de palavra mínima são refletidas na formação de hipocorísticos. Destacam-se as palavras de Gonçalves (2004, p. 12), para quem “o troqueu moraico tem papel de destaque em processos de minimização, sendo, por isso, extremamente relevante na morfologia portuguesa”. Ademais, Cabré (1994) assevera que o argumento principal para que se considere o troqueu moraico como pé básico é sua pertinência em processos de minimização, a exemplo do que ocorre na hipocorização.

O troqueu moraico, de acordo com Collischonn (2005), considera o peso silábico, isto é, conta as moras (unidades de tempo de que as sílabas são constituídas): cada duas moras formam um pé, com cabeça à esquerda. Sílabas pesadas têm duas moras, portanto constituem, sozinhas, um pé.

Segundo a hierarquia prosódica (NESPOR; VOGEL, 1986), o pé é o constituinte que se localiza entre a sílaba e a palavra fonológica, como se verifica em (03). De acordo com Gonçalves (2004a), ocorre palavra mínima todas as vezes em que a palavra fonológica (ω) domina um e somente um pé (Σ). Dessa forma, monossílabos com rima ramificada (‘sol’, ‘céu’ e ‘bar’) e dissílabos com sílaba final leve (‘sala’, ‘leve’ e ‘bolo’) constituem palavras mínimas em português. No caso dos monossílabos com rima ramificada, as duas moras do troqueu localizam-se numa sílaba única e, no caso dos dissílabos com sílaba final leve, as duas moras distribuem-se por duas sílabas leves.

(03) palavra fonológica (ω) >> pé (Σ) >> sílaba (σ) >> mora (μ)

Hipocorísticos, portanto, requerem condições de palavra mínima e, por isso, bloqueiam qualquer formação maior que duas sílabas e que não contenha pelo menos um pé (GONÇALVES, 2004a). Assim, a hipocorização, especialmente o sistema *default*, pode explicitar importantes aspectos do sistema fonológico do português, servindo como evidência empírica para determinadas proposições teóricas, como a de que o pé básico da língua é o troqueu moraico.

3. Bases teóricas e metodológicas

Esta seção tem por objetivo apresentar os pressupostos teóricos e as bases metodológicas que fundamentaram a pesquisa. Sendo assim, a seção divide-se em duas partes: na primeira, discute-se a Teoria da Otimalidade, enfatizando a Teoria da Correspondência, a qual é uma extensão da Teoria da Otimalidade aplicada à morfologia não concatenativa (BENUA, 1995); na segunda parte, apresentam-se as bases metodológicas utilizadas no trabalho.

3.1. Teoria da Otimalidade

Tendo como marco inicial os trabalhos de McCarthy e Prince (1993 a, b) e de Prince e Smolensky (1993), a Teoria da Otimalidade (doravante TO) surgiu nos anos 90. A TO é um modelo paralelista que opera com a avaliação de formas a partir de uma hierarquia de restrições, a qual objetiva checar possíveis candidatos a *output*. Esses restritores possuem caráter universal, o que significa que se aplicam a quaisquer línguas. Além disso, convém ressaltar que, em relação às outras vertentes teóricas descritas anteriormente, a superioridade da abordagem otimalista é o fato de as restrições serem passíveis de violação, sendo esta fruto da satisfação a outro restritor melhor cotado na hierarquia.

3.1.1 Propriedades da TO

Com os modelos gerativos que a antecederam, a TO compartilha a ideia de uma gramática universal e a concepção de mapeamento entre formas de *input* e de *output*. Todavia, quanto à natureza dessa gramática e quanto ao funcionamento desse mapeamento, deve-se salientar que existem diferenças significativas entre a TO e os modelos anteriores.

Essas distinções devem ser abordadas a partir das chamadas propriedades fundamentais da TO, estabelecidas em McCarthy e Prince (1993b), que são: violabilidade, ranqueamento, inclusividade e paralelismo.

Em substituição à formulação de princípios universais invioláveis, a opção pelas restrições universais violáveis confere à TO, nas palavras de Schwindt (2005, p. 258), “um caráter mais econômico, além do ganho explicativo, na medida em que cresce em universalidade”. Nas abordagens serialistas, a violabilidade pressupõe agramaticalidade; na TO, contudo, a violação pode implicar em um resultado gramatical. As restrições são violáveis, porém o grau de violação é mínimo.

A propriedade denominada ranqueamento é imprescindível para que se pense no conceito de gramática na TO. Para esse modelo teórico, há uma gramática universal, que é representada pelo conjunto de restrições, e, além da gramática universal, há a particular, representada pelo ranqueamento dessas restrições nas diferentes línguas. Dessa maneira, o que diferencia uma língua de outra é o fato de uma língua ranquear um conjunto de restrições de uma forma, e a outra, de maneira distinta, valorizando certas exigências, em detrimento de outras. Caso sirva para não violar uma restrição que ocupa um lugar alto no *ranking* de prioridades de uma língua, a violação de uma restrição pode ser tolerada.

O conceito de inclusividade, por sua vez, está diretamente relacionado à geração de candidatos a *output*. Segundo Schwindt (2005, p. 260), “a geração de candidatos deve ser suficientemente restrita de forma a não produzir expressões ou análises que não respeitem propriedades gerais de boa formação”. O princípio que produz candidatos em TO, no entanto, é universal e, portanto, qualquer porção de estrutura linguística pode ser apresentada como candidato.

A escolha do candidato ótimo, na TO, dá-se por uma avaliação que leva em conta, em paralelo, todos os candidatos e todo o ranqueamento de restrições, e é isso que define a propriedade chamada paralelismo. Dessa forma, conclui-se que a TO não concebe derivacionismo² e opõe-se, portanto, às teorias que a precederam.

3.1.2 A arquitetura da TO

A gramática da TO, como já dito, trabalha com a ideia de mapeamento entre formas de *input* e formas de *output*. Por isso, a teoria utiliza um mecanismo gerador de possíveis *outputs*, a partir de um *input*. Esse mecanismo denomina-se GEN (gerador de *output*, do inglês *generator*). Além do mecanismo GEN, a TO emprega um mecanismo avaliativo denominado EVAL (avaliador de *output*, do inglês *evaluator*). A finalidade desse mecanismo é associar um *output* ideal a um *input* e eliminar o que não for aceitável. A partir do elemento LEXICON, GEN produz livremente candidatos a *output*, e EVAL compara esses possíveis *outputs* com base num conjunto universal de restrições CON (do inglês *constraints*) organizadas em uma escala de relevância.

² Pelo menos as propostas aqui resenhadas. Não é o caso, porém, da proposta de Kiparsky (1998).

O elemento LEXICON é o componente responsável por fornecer as especificações do *input*. É no léxico que se encontram as propriedades contrastivas dos morfemas. O *input*, por sua vez, não se sujeita à atuação das restrições, isto é, a forma subjacente não se submete a avaliações.

Conforme Prince e Smolensky (1993), há três princípios que se relacionam ao componente GEN: Liberdade de Análise, Contenção e Consistência de Exponência. Segundo a premissa da Liberdade de Análise, qualquer porção de estrutura linguística pode produzir um candidato. O princípio da Contenção, por sua vez, atua como um inibidor de Liberdade de Análise, uma vez que exige que o *input* esteja presente em cada candidato. O princípio de Consistência de Exponência proíbe que GEN modifique especificações fonológicas (segmentos, moras, etc.) de um morfema.

CON representa o conjunto de restrições violáveis. As restrições empregadas na TO estão presentes em todas as línguas, e o que distingue uma língua da outra é o grau de atuação e relevância de cada uma. Sendo assim, as restrições são universais, embora apresentem diferentes graus de relevância. A hierarquia que cada língua apresenta é o que estabelece a relevância e a atuação das restrições. Um restritor pode estar no topo do *ranking* de uma determinada língua e estar muito mal cotado no *ranking* de outra.

Segundo Schwindt (2005, p. 266), “as restrições, basicamente, são de dois tipos: restrições de marcação e restrições de fidelidade”. A família fidelidade milita em favor da manutenção da identidade entre *input* e *output*; assim, o *output* ótimo não deve apresentar discrepância em relação à forma subjacente. As restrições que proíbem inserções e apagamentos fazem parte dessa família. A família marcação, por sua vez, trabalha em favor da manutenção de estruturas mais básicas e, com isso, evita que formas marcadas cheguem à superfície. Conforme Schwindt (2005, p. 266), por exemplo, existe uma tendência universal que evidencia a preferência por sílabas abertas (padrão CV), o que faz com que as sílabas sem coda sejam consideradas formas não marcadas.

O mecanismo EVAL, que é o elemento responsável por selecionar, empregando o conjunto universal de restrições (CON), o *output* ótimo a partir do grupo de candidatos produzido por GEN, é o componente central da TO. Nas palavras de Costa (2001, p. 134), “EVAL cria uma ordem (ou *ranking*) entre as restrições de acordo com sua relativa harmonia, ou seja, de acordo com o poder que cada uma delas tem de agir, permitindo ou não violações e, desta forma, fazendo as devidas seleções entre os candidatos do *output*”.

3.1.3 Teoria da Correspondência

Segundo Gonçalves (2005, p. 77), “as formas de output tendem a ser geradas pelo conflito entre restrições de marcação e de fidelidade”. As relações de marcação configuram a estrutura segmental dos candidatos a *output*, enquanto a fidelidade implica uma relação de correspondência entre o *input* (I) e o *output* (O).

A TO Clássica, então, permite que a fidelidade somente se dê em uma relação I-O. Com isso, questões referentes à interface Morfologia-Fonologia acabaram se tornando “mal comportadas” dentro dessa perspectiva, e McCarthy e Prince (1995), dessa maneira, desenvolveram a Teoria da Correspondência. Esta se estrutura da mesma forma que a TO Clássica, afinal é uma vertente desta, porém a grande diferença está na ampliação na ideia de fidelidade, uma vez que esta não mais se restringe à relação I-O, mas, ao contrário, expande-se para outros domínios linguísticos. A Teoria da Correspondência é, por isso, uma versão da TO Clássica que generaliza o conceito de identidade, ao difundi-lo para a análise de outros processos. A TO Clássica, por conseguinte, não descreve satisfatoriamente processos morfológicos como a hipocorização, pois estes, além do *input* e do *output*, requerem outras entidades representacionais.

A ideia de correspondência pode ser compreendida assim: uma camada S1 e uma camada S2 admitem uma relação R, isto é, uma relação entre camadas; daí a necessidade de ampliar as relações de correspondência para outros níveis de análise, como, por exemplo, a reduplicação, cuja identidade engloba relação entre uma base e um reduplicante, além da relação entre o *input* e o *output*. O fornecedor das estruturas correspondentes é o mecanismo GEN, cuja função é produzir formas candidatas a *output* e, conseqüentemente, estruturas correspondentes. A avaliação dos candidatos gerados por GEN se dá a partir de EVAL. Este leva em conta cada par de candidatos e suas respectivas relações de correspondência e, assim, chega-se ao *output* ótimo.

Convém apresentar, por fim, algumas comparações entre os modelos serialistas (abordagens gerativas anteriores à TO) e os paralelistas. Conforme McCarthy e Prince (1995), o principal empecilho das abordagens derivacionais reside no fato de estas não poderem avaliar apropriadamente a noção de identidade. Na Teoria da Correspondência, por outro lado, as restrições de fidelidade agem em outros domínios que envolvem identidade entre representações linguísticas (base-reduplicante, base-truncamento, *input-output*), o que

evidencia que esse modelo possibilita uma melhor análise da morfologia não concatenativa, na qual se encaixa o processo da hipocorização.

Nas abordagens serialistas, a violabilidade pressupõe agramaticalidade. Na TO, entretanto, a violação pode gerar um resultado gramatical, já que a violabilidade é mais uma premissa básica do modelo. As restrições são violáveis, porém o grau de violação é mínimo. Na TO, não existe um *output* definido previamente; existem candidatos a *output*. *Outputs*, assim, podem emergir violando restrições, desde que os outros candidatos violem mais, satisfazendo menos a hierarquia. Esta também é uma das premissas da TO, ou seja, a violação de uma restrição pode ser tolerada, se isto servir para não violar outra restrição que ocupa um lugar alto no *ranking*. Se a TO opera por meio de uma hierarquia de relevância, os modelos derivacionais operam por meio da parametrização e da ordenação de regras.

3.2. Bases metodológicas

A fim de validar os dados referentes ao processo estudado, aplicaram-se dois testes de aceitabilidade de formas a vinte informantes. Os testes foram constituídos de quatro questões cada um. Na primeira questão, davam-se ao informante dez antropônimos para que ele indicasse o hipocorístico correspondente a cada forma. O informante era instruído a fornecer, para cada nome constante da lista, uma “forma mais íntima e mais carinhosa de chamar pessoas que se chamam X”. Na questão seguinte, fazia-se o contrário: fornecia-se a forma reduzida a fim de que o informante recuperasse o antropônimo correspondente. A seguir, na terceira questão, davam-se nomes próprios e algumas opções de formas reduzidas para que o entrevistado marcasse opções que lhe parecessem comuns.

Alguns fatores foram verificados para a execução dos testes, como o sexo, a idade e a escolaridade dos informantes. Dos vinte testes aplicados, dez foram respondidos por homens, e os outros dez, por mulheres. A idade dos entrevistados variava de onze a mais de quarenta e cinco anos. Quanto à escolaridade, esta variava do sexto ano do ensino fundamental até o ensino superior completo. Cumpre salientar que uma fase preliminar de recolha dos dados foi feita no Dicionário de Hipocorísticos elaborado por Monteiro (1999), disponível em <http://www.geocities.com/Paris/cathedral/1036>.

Concluída a aplicação dos testes, elaborou-se uma tabela de tendências com os seguintes objetivos: propor candidatos com base em critérios objetivos; detectar o *output* ótimo, isto é, a forma que se destaca em relação às demais; comparar os dados coletados no Dicionário de

Hipocorísticos com os padrões apresentados nos testes; e verificar o aparecimento de outros candidatos, o que pode implicar na existência de um *output* subótimo.

A próxima seção tratará da análise do processo da hipocorização por meio da TO e, para efeito de uniformidade, empregar-se-ão cinco candidatos, e o candidato ótimo será posicionado sempre na primeira linha do *tableau*. A expressão *tableau* é utilizada para designar tabelas ou quadros que contêm, na horizontal, as restrições, hierarquizadas por relações de dominância e, na vertical, os *outputs* possíveis, a partir de um dado *input*. Abaixo, em (04), verifica-se o funcionamento de um *tableau*.

(04)

	/festa/	*COMPLEX	NÃO-CODA
☞	a. fes.ta		*
	b. fe.sta	*!	

O candidato *b* foi eliminado porque violou a restrição mais bem cotada da hierarquia, *COMPLEX, uma vez que *fe.sta* possui um ataque com dois elementos na segunda sílaba, e essa restrição proíbe ataques complexos. A infração é indicada pelo símbolo * e, nesse caso, representa uma violação fatal, representada pelo símbolo !, visto que o candidato *b* está fora da disputa a partir daquele ponto de análise. O candidato *a*, apesar de ter violado uma restrição, por permitir uma consoante fechando a primeira sílaba, vence a disputa, porque a restrição NÃO-CODA está mais baixa na hierarquia. O candidato vitorioso é indicado pelo símbolo ☞, e as células sombreadas informam que ali o mecanismo de avaliação é inoperante, pois aquelas restrições não colaboram mais para a escolha do *output* ótimo.

Ademais, vale mencionar que quatro antropônimos serão analisados na próxima seção: ‘Maria Luíza’, que é um nome bastante regular do ponto de vista estrutural, porque apresenta os dois nomes iniciados por sílabas com *onset* e não apresenta coda; ‘Carlos Artur’, devido à presença de coda nos dois nomes e ao fato de o segundo nome não se iniciar por sílaba com *onset*; ‘Carlos André’, uma vez que apresenta coda no primeiro nome, não possui *onset* na primeira sílaba do segundo nome e, além disso, apresenta complexidade no *onset* da segunda sílaba do segundo nome; e ‘Eduardo Carlos’, que foi escolhido principalmente pelo motivo de ter como *output* ótimo uma forma terminada em ‘a’ (Duca). Na análise desse antropônimo, mostrar-se-á a pertinência desse fato.

4. A hipocorização de antropônimos compostos

Faz-se, nesta seção, a análise otimalista do processo de hipocorização de nomes compostos, como acontece, por exemplo, em ‘Malu’, hipocorístico de ‘Maria Luíza’ ou ‘Maria Lúcia’, e em ‘Cadé’, hipocorístico de ‘Carlos André’. Tal padrão define-se como a junção de duas bases que se encurtam. O processo em questão, ademais, é invariável, ou seja, não permite a emergência de mais de um *output* ótimo.

Os dados exibidos em (05) foram colhidos nos testes mencionados no item 3.2 deste artigo e representam formas que se destacaram em relação às demais, constituindo, dessa maneira, os *outputs* ótimos relacionados ao processo de hipocorização de antropônimos compostos.

Os dados coletados são, de maneira geral, nomes oxítonos, isto é, hipocorísticos constituídos por pés iâmbicos. A exceção à regra se faz com os hipocorísticos terminados em –a; nesse caso, eles serão sempre paroxítonos, constituindo, assim, pés trocaicos. Vejam-se os dados utilizados na análise em (05), a seguir:

- (05)
- André Luiz > Delu
 - Carlos Alexandre > Calê
 - Carlos André > Cadé
 - Carlos Artur > Catu
 - Carlos Eduardo > Cadu
 - Carlos Luiz > Calu
 - Carlos José > Cazé
 - Célia Lúcia > Celu
 - Eduardo Carlos > Duca
 - João Batista > Joba
 - João Carlos > Joca
 - José Carlos > Zeca
 - José Luiz > Zelu
 - Luiz Carlos > Luca
 - Maria Isabel > Mabel
 - Maria João > Majô
 - Maria José > Mazé
 - Maria Júlia > Maju
 - Maria Luíza / Lúcia > Malu
 - Maria Teresa > Matê

Os dados em (05) confirmam o que já foi mencionado: com exceção dos hipocorísticos terminados em –a, que são sempre paroxítonos, todos os demais são oxítonos. Além disso,

observa-se que, em quase todos os casos, a primeira sílaba com *onset* do primeiro nome une-se à primeira sílaba com *onset* do segundo nome, gerando o hipocorístico. As exceções estão nos casos em que aparece o nome ‘José’. Nessa situação, a sílaba ‘zé’ será sempre rastreada, e nunca a primeira sílaba com *onset* (‘jo’), como nos demais casos. Esse fato se deve, possivelmente, a um processo de lexicalização que pode ter ocorrido com a sílaba ‘zé’, pois, como se sabe, é bastante comum o nome ‘José’ ser reduzido a ‘Zé’. A palavra ‘Zé’, dessa maneira, passa de um simples apelido a uma unidade lexical, o que caracteriza o processo de lexicalização. Por conta desse fato, todos os antropônimos compostos que possuem o prenome ‘José’ serão excluídos da análise, pelo fato de não se encaixarem nos aspectos gerais que envolvem o padrão de hipocorização em estudo.

4.1. Análise via Teoria da Otimalidade

A TO, como já se abordou, conta com um mecanismo gerador de possíveis *outputs*, a partir de um dado *input* – o GEN. A função das restrições é avaliar todos os candidatos a *output* gerados por GEN. O objetivo desse mecanismo é criar um *ranking* entre as restrições, permitindo ou não violações, fazendo, assim, as devidas seleções entre os candidatos a *output* no fenômeno analisado.

Para dar conta do padrão em estudo, utilizam-se as restrições listadas abaixo, divididas em grupos.

4.1.1. Restrições de tamanho

a) TODO-PÉ (D): todos os pés devem estar alinhados à direita, isto é, devem permanecer na posição de final de palavra prosódica (PWd).

b) ANALISE - σ : todas as sílabas (σ) devem estar integradas a pés, ou seja, não pode haver sílaba desgarrada.

4.1.2. Restrições de marcação

a) ONSET: toda sílaba deve ter a posição de *onset* (ataque) preenchida.

b) CODA-COND [glide]: define o tipo de segmento que pode ocupar a posição de coda. Sendo assim, somente semivogais, nesta análise, podem ocupar essa posição.

c) *COMPLEX: não se permite a formação de grupos consonantais na posição de *onset* (ataque).

4.1.3. Restrições de acento

a) ***á**]_{PWd}: palavras prosódicas (PWd) terminadas em ‘a’ não podem ser oxítonas. Pela formalização, portanto, a vogal [a] não pode receber acento quando em posição de final de palavra prosódica (LIMA, 2008: 68).

b) IAMBO: todos os pés devem apresentar cabeça à direita, ou seja, devem ser iâmbicos. Isso significa que, nesta análise, o pé não é o troqueu, como no sistema de hipocorização *default*, analisado por Gonçalves (2005). A exceção que se faz a isso está nas palavras terminadas em –a, constituídas por pés trocaicos.

4.1.4. Restrição de alinhamento

a) ALIGN _{PWd1}[σ, E, _{PWd2}[σ, D: alinhe a sílaba inicial do primeiro nome (PWd1) à esquerda da sílaba inicial do segundo nome (PWd2).

Na sequência, em (06), a hierarquia proposta leva ao encurtamento, já que a hipocorização é o processo responsável pela redução de antropônimos, todavia garante mínima fidelidade ao nome composto:

- (06)
(1) TODO-PÉ (D) ; (2) ANALISE-σ >> (3) ONSET ; (4) CODA-COND [glide] ;
(5) ***á**]_{PWd} >> (6) IAMBO >> (7) ALIGN _{PWd1}[σ, E, _{PWd2}[σ, D >> (8) *COMPLEX

O hipocorístico, como se sabe, deve constituir palavra mínima na língua e, por isso, as restrições de tamanho devem dominar a hierarquia. Dessa maneira, as restrições TODO-PÉ (D) e ANALISE-σ agem em conjunto e dominam a hierarquia de restrições.

A restrição ONSET, dominada por (1) e (2), obriga todos os candidatos a *output* a preencherem a posição de *onset*. Com isso, o antropônimo ‘André Luís’, por exemplo, apresenta como *output* ótimo a forma ‘Delu’, pois a primeira sílaba de ‘Anlu’ não preenche a posição de ataque, conforme postula a restrição (3).

Agindo em conjunto com ONSET, está a restrição CODA-COND [glide]. A observação de todas as formas ótimas coletadas nos testes revela que, de forma geral, nenhum hipocorístico do padrão em estudo admite elementos na posição de coda. O único hipocorístico que permite um elemento na posição de coda é ‘Mabel’, que admite um glide na coda da segunda sílaba. A fim de dar conta da emergência de ‘Mabel’ como *output* ótimo, foi necessária a colocação de CODA-COND [glide] no *ranking*.

Na sequência, a restrição de acento (5) impede que formas terminadas em –a sejam acentuadas nessa vogal, ou seja, não podem ser oxítonas³. Dessa forma, antropônimos como ‘Luís Carlos’ e ‘João Carlos’ geram formas como ‘Luca’ e ‘Joca’, e nunca ‘Lucá’ e ‘Jocá’.

Outra restrição acentual na hierarquia é IAMBO. Infringe essa restrição o candidato que não apresentar pés iâmbicos, ou seja, pés que apresentem cabeça à direita. Como exemplo, pode-se verificar o antropônimo ‘Carlos Artur’. O hipocorístico correspondente ao antropônimo é ‘Catu’, já que ‘Cátu’ violaria essa restrição acentual e, pela regra de neutralização, a vogal da segunda forma de base não seria idêntica à especificada no *input*. Como se sabe, hipocorísticos terminados em –a não são iâmbicos e, por conta disso, a restrição $*\acute{a}]_{\text{PwD}}$ deve estar acima de IAMBO na hierarquia, para que, dessa maneira, um candidato como ‘Jocá’, para ‘João Carlos’, seja eliminado antes de ser avaliado por IAMBO, visto que esse restritor permitiria que o candidato ‘Jocá’, que não é o ideal, permanecesse na disputa.

A seguir, em (7), tem-se uma restrição de alinhamento. Conforme essa restrição, a primeira sílaba do primeiro nome deve ser alinhada à primeira sílaba do segundo. Pode-se afirmar que, no padrão em questão, há a junção de duas bases que se encurtam, formando o hipocorístico. Sendo assim, um candidato como ‘Jotis’, para ‘João Batista’, infringe essa restrição pelo fato de ter rastreado a segunda sílaba do segundo nome, e não a primeira sílaba, como obriga a restrição.

³ Uma possível explicação para o fato de somente palavras terminadas em –a serem trocaicas pode ser encontrada na regra de neutralização das postônicas. Como se sabe, só existem três vogais na posição átona final em português: / I, U, a /, e /a/ é a única vogal que não resulta de um processo de neutralização. Caso o acento não fosse final nas formas que não terminam em –a, a regra de neutralização fatalmente se aplicaria.

Por fim, o restritor *COMPLEX não permite a formação de grupos consonantais na posição de *onset*. Com isso, ‘Carlos André’ tem como hipocorístico ‘Cadé’, e não ‘Cardré’. Como se verifica, o ataque complexo ‘dré’ foi simplificado, tornando-se ‘dé’.

4.1.5. Análise dos antropônimos

Passa-se, nesta parte do artigo, à análise otimalista dos antropônimos selecionados: ‘Maria Luíza’, ‘Carlos Artur’, ‘Carlos André’ e ‘Eduardo Carlos’. É importante salientar que só serão disponibilizados no *tableau*, por uma questão de concisão, candidatos dissílabos ou trissílabos, o que torna desnecessária a colocação de TODO-PÉ (D) e ANALISE- σ na hierarquia, visto que essas restrições reguladoras de tamanho inibem candidatos trissílabos ou polissílabos, que não aparecerão nos *tableaux*. No entanto, faz-se necessário ressaltar, mais uma vez, que essas restrições são indispensáveis à análise geral, visto que estão diretamente relacionadas ao fato de os hipocorísticos constituírem palavras mínimas na língua e, portanto, não poderem apresentar mais de um pé.

A seguir, em (07), apresenta-se o *tableau* com a análise de ‘Maria Luíza’⁴.

(07)

/Maria Luíza/	ONSET	CODA-COND	*á] _{PWd}	IAMBO	ALIGN	*COMPLEX
a. \curvearrowright [(ma.'lu)]						
b. [(.'ma.lu)]				*!		
c. [(ri.'lu)]					*!	
d. [(ma.'za)]			*!		*	
e. [(.'lu.mə)]				*!	*	

Como se nota no *tableau*, nenhum candidato infringe ONSET e CODACOND, visto que os cinco apresentam a posição de ataque silábico preenchida e não possuem coda. O primeiro candidato a ser eliminado é [(ma.'za)], pelo fato de violar a restrição que proíbe que palavras oxítonas sejam terminadas em –a. A restrição IAMBO elimina [(.'ma.lu)] e [(.'lu.mə)], uma vez que esses candidatos apresentam cabeça à esquerda, sendo, portanto, pés trocaicos, e

⁴ Nos *tableaux*, os candidatos serão transcritos foneticamente, conforme o dialeto carioca.

não iâmbicos. O último candidato a ser eliminado é [(ri.'lu)], que descartou a primeira sílaba com *onset* do primeiro nome, infringindo, dessa maneira, ALIGN⁵. Nesse momento da análise, [(ma.'lu)] já vem à tona como *output* ótimo, porque todos os demais candidatos já foram eliminados. Nenhum candidato viola a restrição *COMPLEX, pois nenhum deles apresenta *onset* complexo.

Abaixo, em (08), disponibiliza-se a análise do antropônimo ‘Carlos Artur’.

(08)

/Carlos Artur/	ONSET	CODA-COND	*á] _{PWd}	IAMBO	ALIGN	*COMPLEX
a. ☞ [(ka.'tu)]					*	
b. [(kax.'tux)]		*!*			*	
c. [('ka.tu)]				*!	*	
d. [(ka.'rax)]		*!				
e. [(ka.'ax)]	*!	*				

Conforme se verifica na análise, o candidato [(ka.'ax)] é o primeiro a ser eliminado em virtude de não apresentar a posição de ataque preenchida na segunda sílaba, violando, assim, ONSET. Ademais, esse candidato infringe, ainda, CODA-COND, pois apresenta, na segunda sílaba, um elemento que não é semivogal na posição de coda, embora satisfaça ALIGN, ranqueada mais abaixo.

Em CODA-COND, mais dois candidatos são eliminados: [(kax.'tux)], que apresenta dois segmentos na posição de coda os quais não são glides, e [(ka.'rax)], que apresenta um segmento na posição de coda o qual também não é semivogal.

O candidato [('ka.tu)], já que apresenta cabeça à esquerda, infringe IAMBO e, por esse motivo, deixa a disputa. Nesse ponto da análise, emerge como *output* ótimo [(ka.'tu)], forma considerada como hipocorístico de ‘Carlos Artur’.

Verifica-se, na sequência, em (09), a análise de ‘Carlos André’.

⁵ Esse candidato também deixaria um tepe na posição de início de palavra prosódica, o que não corresponde aos padrões fonotáticos da língua.

(09)

/Carlos André/	ONSET	CODA-COND	*á] _{PWD}	IAMBO	ALIGN	*COMPLEX
a. \curvearrowright [(ka.'dɛ)]					*	
b. [(ka.'drɛ)]					*	*!
c. [(kax.'dɛ)]		*!			*	
d. [(ka.'rɛ)]		*!				
e. [(ka.'ɐ)]	*!	*				

Na análise em (09), o primeiro candidato a deixar a disputa é [(ka.'ɐ)], visto que, como a segunda sílaba não apresenta ataque, infringe ONSET. Além de ONSET, esse candidato viola também CODA-COND, porque apresenta uma nasal em coda. Como se nota, a perfeita satisfação a ALIGN leva à infração de restritores mais bem cotados.

Os candidatos [(kax.'dɛ)] e [(ka.'rɛ)] são eliminados da disputa em CODA-COND, porque os dois apresentam elementos que não são glides na posição de coda. A partir desse momento, permanecem na competição somente os candidatos [(ka.'dɛ)] e [(ka.'drɛ)]. O candidato vencedor só emerge após a avaliação pela última restrição do *ranking*, *COMPLEX, visto que ambos infringem o alinhamento para satisfazer as condições de boa formação silábica. Como *COMPLEX proíbe grupos consonantais na posição de ataque silábico, e [(ka.'drɛ)] apresenta um encontro consonantal na sílaba 'drɛ', o candidato apontado em (b) no *tableau* infringe esse restritor, e [(ka.'dɛ)] vem à tona como *output* ótimo, isto é, como hipocorístico de 'Carlos André'.

A última análise ocorre em (10), com o antropônimo 'Eduardo Carlos'.

(10)

/Eduardo Carlos/	ONSET	CODA-COND	*á] _{PWD}	IAMBO	ALIGN	*COMPLEX
a. \curvearrowright [('du.kɐ)]				*	*	
b. [(du.'ka)]			*!		*	
c. [(du.'kax)]		*!			*	
d. [('e.kɐ)]	*!			*		
e. [('du.luʃ)]		*!		*	**	

Como se percebe em (10), o restritor ONSET é responsável pela eliminação do candidato [(^he.kə)], uma vez que não apresenta a posição de ataque preenchida na primeira sílaba. Esse candidato também viola IAMBO, pois apresenta cabeça à esquerda.

Os candidatos [(du.^hkax)] e [(^hdu.lɔf)], na sequência, deixam a disputa por infringirem CODA-COND, já que os dois possuem, na segunda sílaba, um segmento que não é semivogal em coda. O candidato [(^hdu.lɔf)], além dessa violação fatal, transgrede IAMBO e ALIGN. Com isso, a partir desse ponto da análise, somente os candidatos *a* e *b* permanecem na competição.

A restrição acentual *^há]_{PWD} é responsável pela eliminação de [(du.^hka)], em virtude de esse candidato ser um oxítono terminado em –a. Logo, nesse momento, vem à tona como vitorioso o candidato [(^hdu.kə)], mesmo infringindo IAMBO, pois IAMBO está abaixo de *^há]_{PWD} na hierarquia. É interessante notar o funcionamento do *ranking*, porque, a fim de que [(^hdu.kə)] emergisse como *output* ótimo de ‘Eduardo Carlos’, foi necessário que a restrição *^há]_{PWD} estivesse mais bem cotada que IAMBO na hierarquia.

5. Considerações finais

Como ficou demonstrado neste artigo, a hipocorização não pode ser concebida como processo “idiossincrático”, “imprevisível”, “assistemático” e “esdrúxulo”, como postulam alguns autores (CUNHA, 1975; MONTEIRO, 1987; ZANOTTO, 1989). Como se verificou, o fenômeno mostra-se altamente regular quando aspectos da interface Morfologia-Fonologia são considerados. De acordo com McCarthy (1986), os processos não concatenativos – a hipocorização é um desses processos – não constituem “morfologia pura”, mas “morfologia fonológica”, o que ratifica a teoria de que a interface Morfologia-Fonologia deve ser levada em conta na análise desses processos, uma vez que a integração de primitivos morfológicos com primitivos prosódicos explica a regularidade das operações não concatenativas.

Outro aspecto fundamental abordado relaciona-se à hierarquização das restrições na análise otimalista. Na análise dos hipocorísticos, as restrições de tamanho devem dominar a hierarquia, visto que são responsáveis pela redução de antropônimos, já que o hipocorístico deve constituir palavra mínima na língua e, assim, não pode apresentar mais de um pé binário. Após as restrições de tamanho, aparecem as restrições de marcação e de fidelidade, porque, para haver hipocorização, alguma perda segmental deve ocorrer. Em consequência, estruturas totalmente fiéis ao *input* jamais serão consideradas hipocorísticas.

Referências Bibliográficas

- BENUA, L. Identify effects in morphological truncation. In: BECKMAN, J. (Ed.). **Papers in Optimality Theory**, 18 (1), p. 77-136, 1995.
- CABRÉ, T. Minimality in catalan truncation process. **Catalan Working Papers in Linguistics**, 4 (1), p. 1-21, 1994.
- COLLISCHONN, G. O acento em português. In: BISOL, L. (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDUPUCRS, 2005, p. 135-169.
- COSTA, J. **Gramática, conflito e violações: introdução à Teoria da Optimalidade**. Lisboa: Caminho, 2001.
- CUNHA, C. F. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- GONÇALVES, C. A. **Condições de minimalidade no molde da hipocorização**. Campinas: UNICAMP/CNPq, p. mimeo, 2002.
- GONÇALVES, C. A. A Morfologia Prosódica e o comportamento transderivacional da hipocorização no português brasileiro. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 07-38, 2004a.
- GONÇALVES, C. A. Processos morfológicos não-concatenativos do português brasileiro: formato morfos prosódico e latitude funcional. **Alfa**, São Paulo, 48 (1), p. 9-28, 2004b.
- GONÇALVES, C. A. Restrições de identidade em modelos paralelistas: morfologia e fonologia. **DELTA**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 70-112, 2005.
- KIPARSKY, P. **Lexical Phonology & Morphology**. Iceland: Scandinavian Summer School in Generative Phonology, 1998.
- LIMA, B. C. **A formação de ‘Dedé’ e ‘Malu’**: uma análise otimalista de dois padrões de hipocorização. Dissertação de Mestrado em Letras Vernáculas. Rio de Janeiro: UFRJ / Faculdade de Letras, 2008.
- McCARTHY, J. A prosodic theory of nonconcatenative morphology. **Linguistic Inquiry**, 12 (3), p. 373-417, 1986.
- McCARTHY, J.; PRINCE, A. Foot and word in Prosodic Morphology. **Natural language and Linguistic Theory**, 8 (1), p. 209-284, 1990.
- McCARTHY, J.; PRINCE, A. **Prosodic Morphology I: constraint interaction and satisfaction**. Cambridge: Rutgers University, Center for Cognitive Science, 1993a.
- McCARTHY, J.; PRINCE, A. Generalized Alignment. In: BOOIJ, G. E.; MARLE, J. (orgs.). **Yearbook of morphology**. Dordrecht: Kluwer, p. 79-153, 1993b. https://doi.org/10.1007/978-94-017-3712-8_4

McCARTHY, J.; PRINCE, A. **Faithfulness and reduplicative identity**. Rutgers: Rutgers University, 1995.

MONTEIRO, J. L. Processos de formação dos hipocorísticos. **Revista da Academia Cearense da Língua Portuguesa**. Fortaleza, 4, p. 79-110, 1983.

MONTEIRO, J. L. **Morfologia portuguesa**. Campinas: Pontes, 1987.

MONTEIRO, J. L. (1999). **Dicionário de hipocorísticos**. Disponível em: <http://www.geocities.com/Paris/cathedral/1036>. Acesso em: 15 dezembro 2016.

NESPOR, M.; VOGEL, I. **Prosodic Phonology**. Dordrecht-Holland: Foris Publications, 1986.

PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. **Optimality Theory: constraint interaction in generative grammar**. New Brunswick: University of Rutgers, 1993.

SCHWINDT, L. C. Teoria da Otimidade e fonologia. In: BISOL, L. (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005, p. 257-279.

THAMI DA SILVA, H. **Hipocorização no português: o padrão de cópia dos segmentos à esquerda**. Dissertação de Mestrado em Letras Vernáculas. Rio de Janeiro: UFRJ / Faculdade de Letras, 2008.

ZANOTTO, N. **Estruturas mórficas do português**. Caxias do Sul: EDUCRS, 1989.

Artigo recebido em: 16.01.2017

Artigo aprovado em: 13.04.2017